



Daniel 11:31 e sua Interpretação: Estudo do Pensamento em Quatro Preeminentes Acadêmicos da IASD

Henrique Santana Pinheiro

UNASP

ESM



Daniel 11:31 e sua Interpretação: Estudo do Pensamento em Quatro Preeminentes Acadêmicos da IASD

Henrique Santana Pinheiro¹

Resumo: Muitos estudos têm sido produzidos sobre Daniel 11, e pouco consenso parece haver sobre a interpretação da identidade das figuras dos reis do norte e do sul e dos eventos relacionados a eles. O presente artigo busca estudar como os quatros mais preeminentes autores da academia adventista têm interpretado o v. 31 do capítulo. A metodologia será a de revisão bibliográfica. Espera-se encontrar maior consenso entre os intérpretes sobre tal versículo, visto os paralelos de linguagem com as atividades do chifre pequeno no capítulo 8 do livro, um assunto muito mais familiar para o meio adventista, que pode lançar luz sobre a passagem em questão.

Palavras-Chave: Daniel; Rei do Norte; Rei do Sul; Chifre pequeno.

Abstract: Many studies have been produced on Daniel 11, and little consensus appears to exist regarding the interpretation of the identities of the kings of the north and the south and the events related to them. This article seeks to study how the four most preeminent authors of the Adventist academy have interpreted verse 31 of the chapter. The methodology will be a literature review. It is expected to find greater consensus among interpreters about this verse, given the linguistic parallels with the activities of the little horn in chapter 8 of the book, a subject much more familiar within the Adventist milieu, which may shed light on the passage in question.

Keywords: Daniel; King of the North; King of the South; Little Horn.

.....
¹ Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: henrique.pinheiro@unaspedu.br

1. Introdução

O capítulo 11 de Daniel é um dos textos mais debatidos atualmente no meio adventista. Poucas partes das Escrituras dividem tantos teólogos quanto a interpretação das identidades dos reinos do norte e do sul e os eventos ligados a essas figuras misteriosas no penúltimo capítulo do livro de Daniel. Apesar de haver certo consenso entre os eruditos sobre os versículos 5-13, o v.14 marca o início da diversidade de interpretações (Stefanovic, 2007). Em meio a esse capítulo enigmático, entretanto, alguns paralelos linguísticos podem ser percebidos entre o versículo 31 e as atividades do chifre pequeno do capítulo 8 do livro:

Quadro 1: Paralelos Linguísticos entre Daniel 11:31 e Daniel 8:13

Daniel 11:31, NAA	Daniel 8:13, NAA
Forças enviadas por ele <i>profanarão o santuário</i> (וְהִלְלִי וְהַמִּקְדָּשׁ, wəḥilləlū hammiqdāš) e a fortaleza, acabarão com o <i>sacrifício diário</i> (הַתָּמִיד, hattāmîd), estabelecendo a <i>abominação desoladora</i> (וְהַשִּׁיקּוּשׁ מִזְבֵּחַ, haššiqqûš məšômēm).	Depois, ouvi um santo que falava; e outro santo lhe perguntou: — Até quando vai durar a visão do <i>sacrifício diário</i> (הַתָּמִיד, hattāmîd) suprimido e da <i>transgressão desoladora</i> (וְהַפֶּשַׁע הַשֹּׂמֵם, wəhappeša' šômēm)? Até quando o <i>santuário</i> (וְהַקֹּדֶשׁ, wəqōdeš) e o exército ficarão entregues, para que sejam pisados aos pés?

Fonte: Elaborado pelo autor

Esses paralelos traçam uma ligação entre os dois capítulos. Visto que atualmente existe maior consenso no meio adventista sobre os elementos do capítulo 8, perceber essas conexões pode lançar luz sobre o capítulo 11. Tendo em vista esses fatos, o presente artigo buscará abordar como Daniel 11:31 tem sido interpretado pelos principais expositores atuais da academia adventista. Dar-se-á maior atenção às expressões “profanarão o santuário”, “sacrifício diário” e “abominação desoladora”. Por questões de espaço, não será possível abarcar todos os autores que trataram sobre o assunto. Por isso foram escolhidos quatro obras: de Doukhan (2019), Shea (2009), Stefanovic (2007) e Gane (2016), e. O objetivo deste trabalho é descobrir se existe algum consenso entre os teólogos adventistas sobre o versículo em questão, tendo em vista os desafios interpretativos existentes nesse capítulo

2. Jacques Doukhan

O primeiro autor que analisaremos é Jacques Doukhan, em sua obra *Daniel 11 decoded: an exegetical, historical, and theological study*. O autor segue uma linha interpretativa simbólica, que ressalta o caráter apocalíptico do capítulo. Doukhan é certamente o autor que propõe a interpretação mais simbólica para os elementos do texto, e isso o coloca em um extremo de nosso espectro de autores. [Doukhan \(2019\)](#) compreende o texto de Dn 11 como literatura poética e apocalíptica. Logo suas imagens e símbolos descrevem não apenas eventos históricos, mas possuem significado teológico, e as repetições desses, tanto quanto representam sucessões de eventos, marcam o ritmo poético da profecia. Segundo ele, as expressões “rei do norte” e “rei do sul” devem ser interpretadas espiritualmente:

O Norte-Sul simboliza a ideia de totalidade. Como entidade distinta, **o Norte simboliza o caráter religioso e usurpador de Deus encarnado em Babel** e é representado no livro de Daniel pela argila, pelo chifre pequeno e pelo Rei do Norte. **O Sul representa o poder não religioso e autossuficiente encarnado no Egito** e é representado nas profecias de Daniel pelo ferro (Dan. 2:40-42) e pelo quarto animal com dentes de ferro (Dan. 7:7, 19), e pelo Rei do Sul ([Doukhan, 2019, p. 60, tradução livre, grifo nosso](#)).

Para situarmos o v. 31, é importante compreender que o autor propõe duas estruturas literárias para o capítulo. A primeira estrutura, longitudinal-linear-cronológica, enfatiza o conflito entre os reis do norte e do sul que, a partir do v. 5, “segue um movimento regular de ida e volta entre o Rei do Norte (N) e o Rei do Sul (S), progredindo em seis etapas (S-N-S-N-S-N)” (2019, p. 64, tradução livre). As respectivas seções estão dispostas em paralelos laterais em uma estrutura (A-B-C-A1-B1-C1):

A agressão do Sul [11:5-8]

B agressão do Norte [11:9-10]

C agressão do Sul” [11:11-12]

A1 agressão do Norte [11:13-25a]

B1 agressão do Sul [11:25b-27]

C1 agressão do Norte. [11:28-39] ([Doukhan, 2019, p. 64, tradução livre](#))

O v. 31 está situado na seção C1 (Dn 11:28-39), com paralelos linguísticos com C (11:11-12). A segunda proposta de estrutura é a “estrutura quiástica da aliança” ([2019, p. 64, tradução nossa](#)), que dá maior enfoque ao conflito contra o povo da aliança, ressaltando o nervo teológico do conflito. Está organizada da seguinte forma: (a b c d e f

g fl e1 d1 c1 b1 a1). O v. 31 se encontra na seção d1 (11:28-39), em paralelo com a seção d (11:9-13a):

a 10:21b. Inclusio: Miguel, seu Príncipe

b 11:1-4. Prólogo: Conflito entre o Oriente e o Ocidente

c 11:5-8. A Igreja paganizante: Norte com Sul

d 11:9-13a. Retorno; a ascensão da supremacia papal:
igreja e estado

e 11:13b—15. Estabelecimento do poder
perseguidor; com “grande exército”

f 11:16-21. Desenvolvimento da
perseguição; “mas dentro de
poucos dias” (11:20)

g 11:22. A(s) vítima(s)
da perseguição, o
Príncipe da aliança

f 11:23-24. Desenvolvimento da
perseguição; “mas apenas por um
tempo” (11:24)

e 11:25-27. Queda da Igreja perseguidora;
com um “exército muito grande”

d1 11:28-39. Retorno; o fim da supremacia papal:
“diariamente, abominação da desolação”

c1 11:40-43. A Igreja apóstata: Norte com Sul

b1 11:44-45. Epílogo: conflito Oeste-Leste

a1 12:1a. Inclusio: Miguel, o grande Príncipe (Doukhan, 2019, p. 68, tradução livre, grifo nosso).

O autor classifica a seção 11:28-39 como uma “radioscopia teológica”. Isso significa que se trata de “uma pausa especial e atemporal que revela a perspectiva teológica por trás dos eventos históricos na seção paralela.” (2019, p. 74, tradução nossa) Portanto, essa seção não segue uma sequência de pensamento cronológico em relação ao contexto que o cerca, mas marca um retorno à seção paralela (11:9-13a), focando no aspecto espiritual dessa, denunciando a iniquidade da Igreja romana, sua apostasia, sua usurpação a Deus e oposição à aliança.

Com isso em mente, analisaremos os comentários do autor sobre o conteúdo do verso 31. A começar pela profanação do santuário, Doukhan comenta que o significado de “profanar” (heb. ללל, ḥll) é a introdução de elementos profanos e estrangeiros no santuário (cf. Ez 24:21). Para ele, o santuário em questão é o santuário celetial, que será

profanado, significando que “O Rei do Norte (a Igreja Católica Romana) misturará o poder sacro com o poder secular terreno.” (2019, p. 172, tradução nossa).

Em segundo lugar, a retirada do diário, como o autor demonstra, é uma ação atribuída ao chifre pequeno no capítulo 8, um ato que acontece no céu. Nota-se que a palavra “sacrifício” não aparece no texto original. “Na verdade, a palavra *tamid*, “diário”, refere-se a mais do que apenas os sacrifícios; esse termo abrange todo o processo de salvação associado ao sacrifício.” (2019, p. 173, tradução nossa). Citando Richard Davidson, [Doukhan \(2019\)](#) apoia que esse evento ocorreu quando o papa e os sacerdotes católicos usurparam o ministério sumo-sacerdotal de Cristo.

Quanto à abominação desoladora, “A palavra hebraica *shiqutsim*, ‘abominações’, refere-se, na maioria dos casos, a ídolos feitos à mão que são adorados no lugar do Deus verdadeiro.” (2019, p. 174, tradução nossa). A passagem ecoa Dn 8:13, sugerindo que se trata do mesmo evento. Para Doukhan, não se trata de um novo evento, mas do resultado das ações anteriores; a saber, “a sintaxe da acentuação massorética sugere que a “entrega” da abominação da desolação é o resultado das duas operações anteriores juntas, a saber, a profanação e a usurpação, a remoção do sacrifício diário.” (2019, p. 173, tradução nossa). “O chifre pequeno, o Rei do Norte, também conhecido como Igreja Católica Romana, usurpou a expiação de Jesus, que era prefigurada pelos sacrifícios; foi essa idolatria (“transgressão” / “abominação”) que causou a desolação.” (2019, p. 174, tradução nossa). Doukhan ainda menciona a dupla aplicação de que Jesus faz dessa passagem: à destruição de Jerusalém e aos eventos ligados ao fim do mundo em Mt 24. Porém a expressão se aplica mais diretamente ao contexto escatológico, visto que Dn 12:11 mostra que esse evento (a retirada do diário e estabelecimento da abominação desoladora), cobre o período profético dos 1.290 dias e nos conduz ao tempo do fim (cf. Dn 12:9).

3. William Shea

Em seu comentário, *Daniel: A Reader's Guide*, Shea segue a linha de interpretação tradicional historicista literal adventista nessa passagem, reconhecendo a sucessão literal de reis desde o tempo do profeta Daniel até o tempo do fim. Shea também reconhece que essa profecia é a mais detalhada das profecias de Daniel, e que, mais que uma nova profecia, é na verdade uma interpretação literal dada pelo anjo Gabriel sobre a visão do capítulo 8 (2009).

O livro dedica dois capítulos à perícope de Daniel 10:1-12:13. No primeiro capítulo, avança até o v. 22, culminando nas ações de Roma imperial como o rei do norte e na morte de Cristo, o príncipe da aliança (נָגִיד בְּרִית, *nəgîd bərît*) que é quebrantado (שָׁבַר, *šbr*), passando pelos reis da Pérsia e da Grécia. A segunda parte da exposição apresenta o verso 23 como a introdução de uma nova fase na narrativa: o surgimento de Roma Papal.

A princípio, Shea (2009, p. 248, tradução nossa) aponta que “Os versículos 23-39 não apresentam necessariamente as atividades do poder papal em ordem cronológica consecutiva. Em vez disso, neste caso, elas aparentemente estão organizadas em ordem temática” da seguinte forma:

- | | |
|----------------------|--|
| 1. Versículos 23-30 | Campanhas militares efetivas |
| 2. Versículo 30 | Subversão do sistema da salvação |
| 3. Versículos 32-34 | Perseguição |
| 4. Versículos 35.-39 | Auto exaltação (Shea, 2009, p. 250, tradução livre). |

Tendo em vista a identidade do rei do norte como Roma papal, Shea primeiramente identifica o santuário mencionado na passagem. Visto os paralelos de linguagem com Dn 8:11 e a dimensão vertical do ataque do chifre pequeno, é assumido que o santuário em questão é igualmente o templo celestial. Quanto à profanação, Shea relembra que:

O verbo ‘profanar’ não requer a presença física de objetos contaminados ou impuros no templo ou local profanado. Alguém pode profanar um templo, ou o nome de Deus, à distância. Não é necessário estar fisicamente presente em um templo para profaná-lo. (...) O poder papal não precisava estar presente literal e fisicamente no templo celestial para profaná-lo. Foi pela obra do papado realizada aqui na Terra que se conseguiu a profanação (Shea, 2009, p. 257, tradução nossa).

Shea também vê a retirada do contínuo em conexão com a profanação do santuário, uma ação realizada por Roma em sua fase papal, quando essa pretendeu substituir e obscurecer a obra de Cristo por um seu poder terreno. Sobre o abominável da desolação:

O poder do Estado, seja ele local ou estrangeiro, ao se intrometer no âmbito do sagrado era uma abominação que resultava em contaminação. Assim, a abominação que profana pode ser descrita como uma união do secular e do religioso — o Estado e a Igreja — na qual o aspecto religioso é contaminado por sua combinação com as funções do Estado. Na história do cristianismo, essa união surgiu como resultado do apoio do Estado à Igreja, situação que levou ao desenvolvimento do papado medieval (Shea, 2009, p. 258, tradução nossa).

4. Zdravko Stefanovic

Stefanovic (2007) possui um célebre comentário sobre o livro de Daniel, *Daniel: Wisdom to the Wise*, que desde o sumário define a perícope de Dn 11:31-39 como as “atividades religiosas da pessoa vil” (2007, p. 8, tradução nossa). A “pessoa vil” é introduzida

no v. 21: “Depois, se levantará em seu lugar um *homem desprezível* (נִבְזֶה, nibzeh), ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá de surpresa e tomará o reino, com intrigas”, e parece ser o sujeito das ações até o v. 39. Seu surgimento marca uma quebra na narrativa devido a sua singularidade, chegando até mesmo a estar vinculado à morte do Messias (v. 22).

O autor apresenta as posições das principais escolas interpretativas sobre o texto; a saber, o historicismo, o futurismo e o preterismo. Por ser a linha interpretativa defendida pelo autor, iremos nos atentar apenas aos excertos sobre as conclusões historicistas. A começar pela identidade do homem vil, Stefanovic, citando Maxwell, o identifica como um “poder religioso que sucede o Estado romano” (2007, p. 419, tradução nossa), no caso, Roma em sua fase religiosa, “um sistema que, por mil anos, afastou as pessoas do ministério sacerdotal de Jesus e as privou do acesso ao Príncipe da Aliança.” (2007, p. 420, tradução nossa).

Comentando diretamente o v. 31, o autor enfatiza os paralelos da passagem com o capítulo 8, como a menção ao santuário (heb. מִקְדָּשׁ, miqdāš), que é alvo dos ataques do chifre pequeno no oitavo capítulo e a menção ao “serviço contínuo do santuário” (heb. תָּמִיד, tāmîd), que é definido como todo o sistema de serviço do santuário. Também correlaciona a frase “abominável da desolação” com Dn 9:27, Mt 24:15 e Mc 13:14. Todas as atividades do homem vil na passagem levam Stefanovic à conclusão de que, a partir do v. 31, uma nova dimensão religiosa-vertical foi adicionada aos conflitos políticos anteriores:

Assim, a aplicação da mensagem do capítulo 11 é a mesma que a dos capítulos 7 e 8 — todas essas mensagens descrevem a atividade de uma entidade político-religiosa que ofusca o ministério de Cristo no céu e persegue os fiéis, um fato resumido na expressão abominação que causa destruição. Esse poder também é culpado de blasfêmia (Stefanovic, 207, p. 420, tradução nossa).

5. Roy Gane

Por fim, o último trabalho que iremos analisar é o artigo de Roy Gane: *Methodology for Interpretation of Daniel 11:2-12:3*, publicado em 2016 na Journal of the Adventist Theological Society, que, apesar de não ser um comentário exaustivo do texto, propõe uma série de princípios hermenêuticos para a interpretação dessa profecia de Daniel, ao passo que apresenta ilustrações de como esses princípios se aplicam diretamente ao texto. Ao fim, o trabalho de Gane se traduz em uma ótima fonte de interpretações sobre Dn 11. São 10 princípios que Gane apresenta em seu trabalho:

1. Obter uma perspectiva a partir da estrutura narrativa da profecia.
2. Analisar as relações na estrutura literária.
3. Levar em consideração o contexto de um perfil textual.
4. Levar em consideração todas as características internas de um perfil textual.
5. Estabelecer uma correlação com profecias anteriores em Daniel para estabelecer a estrutura histórica.
6. Observar as características da estrutura histórica.
7. Reconhecer a sucessão geográfica.
8. Reconheça alguma disposição temática.
9. Considere alguma linguagem não literal.
10. Compare Daniel 11 com partes paralelas do Apocalipse ([Gane, 2016, p. 342, 343, tradução livre](#)).

A princípio, [Gane \(2016\)](#) destaca o caráter literal da profecia, que é apresentada em uma linguagem direta e não simbólica, característica das interpretações fornecidas às profecias nos capítulos anteriores do livro. Assim como começamos com Doukhan em um extremo simbólico de nosso espectro interpretativo, podemos facilmente considerar Gane como o autor mais literalista em nossa discussão.

A seguinte tabela ilustra como o [Gane \(2016, p. 315, tradução nossa\)](#) delinea a sucessão de poderes relacionadas ao rei do norte ao longo da profecia:

Quadro 2: Interpretação de Gane sobre a sequência de poderes em Dn 11

Referência	Poder
v. 2	Reis da (Medo-)Pérsia
v. 3	Império grego (macedônico) de Alexandre o Grande
v. 4	Quatro reinos gregos
vv. 5-19	Reis da Síria Seleucida (rei do norte) versus Egito Ptolomaico (rei do sul)
vv. 20-21	Transição
v. 22	Roma imperial
vv. 23-45	Igreja de Roma

Fonte: Elaborado pelo autor

Logo, Gane identifica o sujeito das ações do v. 31 como Roma em sua fase papal. Comentando sobre a seção relacionada a Roma papal, também organiza a seção dos versos 23-45 na forma de um quiasmo:

A (11:25-30) - Norte vs Sul (sem sucesso)

B (11:31) - Ações religiosas do rei do norte (profana o templo/*fortaleza*; remove o diário; estabelece a abominação)

C (11:32-35) - Ações religiosas relacionadas a pessoas

B₁ (11:36-39) - Ações religiosas do rei do norte (honra o deus das *fortalezas*)

A₁ (11:40-43) - Norte vs Sul (com sucesso)

Comentando o v. 31, Gane resalta os paralelos entre Dn 11:31 e Dn 12:

Portanto, todos os três períodos de tempo em Daniel 12 — 3½ tempos, 1290 dias e 1335 dias — passam pelo período de perseguição, e a remoção do “regular” e a instalação da “abominação que causa desolação” ocorrem no início dos 1290 e 1335 dias, precedendo a perseguição. Isso se correlaciona com a ordem no capítulo 11, onde o versículo 31 prediz a substituição do “regular” pela “abominação” e os versículos 33-35 predizem a perseguição, tudo realizado sob o “rei do norte” ([Gane, 2016, p. 298, tradução nossa](#)).

Dessa forma, o Dn 12 lança luz sobre Dn 11:31, que por si prediz o evento que em Dn 12:11 inicia os 1.290 dias. Gane não para por aí, mas também estabelece as ligações entre Dn 11:31 e o capítulo 8 do livro:

O mesmo uso incomum de *tamîd* por si só com o artigo definido ocorre em 8:11, onde um poder simbolizado por um “chifre pequeno” se engrandece até se tornar “o Príncipe do exército” e tira o *tamîd* dele (o Príncipe), “e o lugar do seu santuário foi derrubado”. Este é claramente o mesmo evento que em 11:31, portanto, o rei do norte e o poder do “chifre pequeno” são os mesmos. [...] **Não há dúvida de que o “chifre pequeno” de Daniel 7 e a fase religiosa do “chifre pequeno” em Daniel 8 (vv. 10-12; cf. v. 13) é o “rei do norte” em Daniel 11, pelo menos a partir do v. 31, e que esse rei é o líder da Igreja de Roma.** Ele não pode representar apenas um único indivíduo, mas um cargo de liderança ocupado por uma sucessão de indivíduos durante um longo período e tempo, continuando até o v. 39 e até o “tempo do fim” (vv. 40-45), quando “ele chegará ao seu fim, sem ninguém para ajudá-lo” (v. 45), assim como o “chifre pequeno” religioso finalmente “será quebrado — mas não por mão humana” (8:25; cf. 2 Ts 2:8) ([Gane, 2016, p. 313, 314 tradução e grifo nosso](#)).

6. Conclusão

Em síntese, vimos como todos os autores abordados, apesar de possuírem metodologias hermenêuticas e concepções sobre a estrutura geral do capítulo diferentes, possuem semelhantes interpretações sobre o versículo 31 de Daniel 11. As obras são unâimes em identificar o rei do norte - ou a pessoa vil - no v. 31 como Roma em sua fase papal e o santuário em questão como o santuário celestial. Os autores traçam os paralelos entre o chifre pequeno do capítulo 8 e o rei do norte de 11:31.

[Doukhan \(2019\)](#) dedica uma extensa obra ao décimo primeiro capítulo do livro e apresenta uma análise mais detalhada de seu conteúdo, chegando a apresentar duas

propostas de estrutura complementares para o texto. Apresenta contribuições relacionadas à dinâmica sintática do texto massorético, que o levam à uma conclusão singular sobre a relação interior das ações do rei do norte: de que a “abominação desoladora” é o resultado da profanação do santuário e da retirada do *tamid*. E ainda chega a ligeiramente relacionar Dn 11:31 com Dn 12:11. [Shea \(2010\)](#), bem como [Stefanovic \(2007\)](#) apresentam um comentário sobre todo o livro de Daniel e acabam sendo mais sucintos em relação aos detalhes de Dn 11. Entretanto, aquele fundamenta sua interpretação do versículo em seus paralelos com Dn 8 e fornece uma definição chave para “abominação”: a intromissão de um poder secular em assuntos religiosos, enquanto que este ressalta as atividades do “homem vil”, unificando a identidade do rei do norte na seção 11:21-39.

Stefanovic ainda semelhantemente percebe as relações com Dn 8 e ressalta como as atividades do rei do norte em 11:31 marcam a introdução de uma dimensão vertical-religiosa à trama. Por fim, [Gane \(2016\)](#) é efetivo no que se propõe a fazer: estabelecer princípios interpretativos para o capítulo 11 de Daniel, mas também, em suas ilustrações dos princípios que propõe, acaba provendo uma ótima fonte interpretativa das figuras proféticas. Sua grande contribuição para o v. 31 são os paralelos que estabelece com os períodos de tempo de Dn 12, que lança luz sobre a ordem cronológica das atividades de Roma papal, que nos conduzem ao tempo do fim.

Em um ambiente tão controverso de interpretações, ter o v. 31 de Dn 11 como ponto de partida para discussões sobre o tema pode ser útil. Como sugestão de tema para pesquisas futuras, sugere-se que seja feita uma análise da progressão de reinos na interpretação da identidade do rei do norte no meio adventista.

7. Referências Bibliográficas

DOUKHAN, J. B. **Daniel 11 decoded**: an exegetical, historical, and theological study. Berrien Springs: Andrews University Press, 2019

GANE, R. E. Methodology for Interpretation of Daniel 11:2–12:3. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 27, n. 1–2, p. 294–343, 2016.

SHEA, W. H. **Daniel**: una guía para el estudioso. Dirigido por Miguel A. Valdivia; traduzido por Raúl Lozano Rivera. 1. ed. Florida Oeste, Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2010.

STEFANOVIC, Z. **Daniel: wisdom to the wise** — commentary on the book of Daniel. Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 2007.